

O lugar social de Stan Lee nos EUA, durante a Guerra Fria: um estudo de caso a partir do primeiro quadrinho do Homem de Ferro

Luis Filipe Bantim Assumpção¹

Resumo: A contribuição de Stan Lee para o cenário quadrinístico e a cultura pop na segunda metade do XX e início do XXI é inquestionável. Entretanto, ao pensarmos o seu lugar social nos EUA durante a Guerra Fria, verificaremos que os seus personagens representavam ideais alinhados aos interesses de sua nação em oposição ao “avanço socialista pelo mundo”. Nesse cenário, Stan Lee produziu discursos e os representou por meio dos super-heróis que criou e/ou ajudou a criar com a *Marvel Comics*, os quais obedeciam aos pressupostos de sua comunidade discursiva. Sendo assim, objetivamos analisar a sua contribuição para o desenvolvimento e a difusão do capitalismo e da liberdade estadunidense por meio da primeira aventura do Homem de Ferro, a qual pretendia fomentar a luta contra a “tirania e a opressão” do socialismo na Guerra do Vietnã, em meados da década de 1960.

Palavras-chave: Stan Lee; Homem de Ferro; Guerra Fria; Guerra do Vietnã; Ensino de História; Quadrinhos.

The social place of Stan Lee in the USA, during Cold War: a case study from Iron Man's first comic

Abstract: Stan Lee was one of the most important persons to graphic novel and popular culture universes between the second half of 20 th and the begining of 21th centuries. However, when we think about his social place in the USA during Cold War, we verify that his characters represented ideals from his nation in opposition to “the socialist advance around the World”. In this context, Stan Lee created and represented his discourses through his superheroes at *Marvel Comics*. Nevertheless, Stan Lee's discourse and his superheroes representation obeyed his discursive community. Thus, our objective is analyze Stan Lee's contribution for the development and diffusion of the USA's ideals of capitalism and freedom in the mid-1960s during Vietnam War, through Iron Man's first adventure.

Keywords: Stan Lee; Iron Man; Cold War; Vietnam War; History Teaching; Comics.

Introdução

Nos últimos anos, o cenário editorial brasileiro começou a sofrer com os efeitos da crise econômica que se abateu no país. Contudo, nota-se que o consumo de revistas em quadrinhos² manteve-se intenso. Muitos são os motivos para que os quadrinhos continuem em voga, porém reconhecemos que a atual geração de jovens leitores acabou relacionando a arte gráfica sequencial com os filmes hollywoodianos homônimos.

1 Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da UERJ.

2 Embora saibamos que esta designação seja generalista, optamos por utilizá-la em função das características da obra em questão, ou seja, uma narrativa gráfica feita a partir de pequenos quadros. O nosso posicionamento se deu em virtude da vastidão dos gêneros quadrinísticos existentes ou, como destacou Paulo Ramos (2016, p. 19-20), este seria um hipergênero que abarca todas as demais designações.

Portanto, diante desse panorama, um dos nomes de maior importância no cenário quadrinístico é, com certeza, Stan Lee.

Como um dos representantes da *Marvel Comics*, Stan Lee é reconhecido como o criador e/ou cocriador de muitos desses heróis que figuram nos quadrinhos e nas telas de nossos cinemas e casas. Do mesmo modo, é evidente que as atuais gerações de jovens consomem intensamente os discursos oriundos de suas obras. Devemos lembrar que, embora Stan Lee não tenha sido o responsável por todos os roteiros cinematográficos de seus heróis, a sua participação na maioria dos filmes reforça a sua concordância com aquilo que ali era veiculado. Algo que se repetiu no roteiro das revistas em quadrinhos, as quais deveriam receber o seu aval na condição de editor chefe da empresa. Contudo, destacamos que mesmo a sua posição diante do que foi veiculado pelos quadrinhos da *Marvel* se adequou ao contexto histórico em que esteve inserido e no qual as suas personagens foram criadas.

Dessa forma, aproveitamos a oportunidade oferecida pela revista *Diálogo* para pensarmos o lugar social de Stan Lee e da arte gráfica sequencial nos EUA durante a Guerra Fria. Isso porque grande parte das suas criações quadrinísticas mais emblemáticas foram produzidas nesse momento histórico. Além disso, analisaremos como Lee ajudou a difundir o ideal político norte-americano³ por meio da aventura inaugural do Homem de Ferro no contexto da Guerra do Vietnã. Por fim, temos como objetivo pensar a importância das revistas em quadrinhos para o Ensino de História, sobretudo no ensino básico das instituições brasileiras, haja vista que este tipo de mídia pode contribuir para o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula.

A escolha do Homem de Ferro se deu em virtude do discurso fomentado em sua primeira história – publicada na revista *Tales of Suspense* 39, em 1963 – na qual verificamos uma nítida oposição entre o ideal político-econômico dos EUA e o socialismo que se desenvolvia no Leste da Europa, no sudeste da Ásia e na China. No caso desta narrativa do Homem de Ferro, em particular, a motivação para o “nascimento” da personagem é a própria Guerra do Vietnã – reconhecida como um dos enfrentamentos que compuseram a Guerra Fria – e a necessidade de se impedir que a “guerrilha” socialista se espalhasse por territórios desprotegidos. Com isso, os quadrinhos norte-americanos tiveram um papel essencial na legitimação do discurso político dos EUA em sua “missão” de promover a liberdade e a democracia no mundo contra a “tirania e a opressão” socialista.

Segundo Túlio Vilela (2018, p. 105), o uso de revistas em quadrinhos nas aulas de História pode levar o discente a desenvolver uma percepção mais crítica e reflexiva dos conhecimentos históricos, para além dos livros didáticos. Vilela (2018, p. 107) destacou que os quadrinhos também podem ser empregados para que pensemos o ponto de vista das personagens, levando os alunos a identificar as diferentes versões acerca de um acontecimento histórico. É justamente neste ponto que empregamos o primeiro quadrinho do Homem de Ferro em nossa análise. Ao selecionarmos o conteúdo relativo a Guerra Fria, com ênfase à Guerra do Vietnã, selecionamos trechos específicos da narrativa quadrinística para nos ajudar a lançar alternativas interpretativas ao discurso hegemônico, presente na maioria dos livros didáticos. Para tanto, consideramos que o discurso presente na primeira história deste herói reflete os interesses políticos, sociais, econômicos e militares dos EUA neste momento da Guerra Fria, com o recrudescimento da participação norte-americana na Guerra do Vietnã.

Esse viés pode ser corroborado por Waldomiro Vergueiro (2017, p. 69) ao afirmar que os super-heróis estadunidenses criados na Segunda Guerra Mundial manifestavam um imperativo ideológico “nazistificante” que, posteriormente, se estendeu para o socialismo. Ao citar Moacyr Cirne, Vergueiro

3 No decorrer desse texto, optamos por empregar os adjetivos gentílicos norte-americano e estadunidense como sinônimos, uma vez que o único país ao qual estamos nos referindo na América do Norte são os EUA. Essa opção se deu para minimizarmos as nossas repetições ao longo do texto.

(2017, p. 70) destacou que, sobretudo os quadrinhos de super-heróis, tentam “ocultar” as ideologias e a sua intencionalidade através de “fórmulas temáticas” simples e/ou simplistas. Estas se utilizam da redundância para representar um ideal conservador ou reacionário diante de sua comunidade discursiva. Dialogando com Vilela e Vergueiro, verificamos que o lugar social constitui uma variável importante para que possamos considerar as especificidades do discurso presente na primeira história do Homem de Ferro, bem como a intencionalidade de seus autores ao desenvolvê-la.⁴

Para isso, mobilizamos os estudos de Dominique Maingueneau (1997) acerca da Análise do Discurso para problematizarmos o posicionamento de Stan Lee e a representação do “nascimento” do Homem de Ferro junto aos EUA, durante a Guerra do Vietnã. Maingueneau (1997, p. 56-58) pontuou que todo discurso se insere em uma comunidade discursiva que remete mensagens aos grupos – instituições e relações entre agentes – que nela estão inseridos, mas também a tudo que esteja na organização material e no modo de vida de seus membros. Logo, a interação entre as instituições, o período, os interesses e as demandas de sua comunidade discursiva podem identificar o lugar social de um autor. Portanto, o discurso presente em uma obra é uma construção coletiva proveniente de um lugar social que manifesta as especificidades de toda uma comunidade discursiva, situada no tempo e no espaço, mas que também varia em função destes.

Imerso nesta premissa, Maingueneau (1997, p. 62-64) também definiu o conceito de cena enunciativa que, ao fazer uma metáfora com o teatro, reflete uma parcela da realidade. Com isso, a cena enunciativa de um discurso cria uma representação de seu objeto, cujas bases se encontram nos fragmentos do que realmente ocorreu e que jamais teremos ideia de sua completude. Sendo assim, o discurso de um autor manifesta a sua comunidade discursiva na cena enunciativa que se constrói a partir de suas palavras. Tal conjunto de fatores está diretamente atrelado às variáveis de seu lugar social de produção. Com isso, consideramos que o lugar social de Stan Lee foi determinante para a representação que a sua cena enunciativa criou por intermédio da aventura inaugural do Homem de Ferro, no contexto da Guerra do Vietnã. Para manter a sua posição como editor da *Marvel Comics*, Lee precisou corresponder aos interesses político-econômicos da empresa para a qual trabalhava e com o compromisso que esta detinha junto ao governo dos EUA em seu empenho contra a “expansão socialista” pelo mundo.

Sendo assim, corroboramos Elydio dos Santos Neto e Marta Regina Paulo da Silva (2015, p. 11) ao afirmarem que os quadrinhos são artefatos culturais capazes de refletir sobre as experiências de vida dos sujeitos, mesmo atuando no campo ficcional. Isso nos permite destacar que Stan Lee e a *Marvel Comics* ajudaram a propagar o ideal maniqueísta da Guerra Fria em sua luta entre o “bem e o mal”, e a reforçar o compromisso norte-americano em impedir o avanço socialista na Ásia por meio da Guerra do Vietnã. Nesse sentido, os super-heróis da *Marvel* – mas não somente – eram representações de uma perspectiva política que pretendia fomentar em sua audiência o engajamento dos EUA em garantir que todas as sociedades do mundo fossem livres e dotadas de princípios políticos democráticos.

O lugar social de Stan Lee: entre a Segunda Guerra e a Guerra Fria

Peter Lee (2012, p. 30) destacou que os quadrinhos desenvolvidos durante a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria fizeram prevalecer um ideal hiperpatriótico, cuja função era disseminar a crença de que existiam espões em todos os lugares do EUA. Com isso, incutia-se a perspectiva de que ninguém estava a salvo diante das ambições tirânicas do socialismo, cujo estilo de vida retiraria a liberdade e a capacidade de consumo que os norte-americanos alcançaram por meio do *American Way of Life*. Não somente o governo

4 Nos dizeres de Fernando Lopes (2012, p. 6), editor da *Panini Comics* e responsável pela publicação da *Coleção Histórica Marvel*, o Homem de Ferro foi criado Stan Lee, Larry Lieber e Don Heck. Contudo, Stan Lee era o editor, na época, responsável por liderar a equipe de criação do Homem de Ferro, na qual um dos membros era o seu irmão mais novo, Larry Lieber.

estadunidense conseguia representar os países socialistas como males a serem combatidos a todo custo, como também se colocava na posição de única sociedade com poder suficiente para impedir o avanço do socialismo no globo terrestre.

Foi esse o cenário no qual Stan Lee esteve imerso no início de sua carreira com a empresa que se tornaria a *Marvel Comics*. Como o próprio Stan Lee (2015, versão kindle, posição 6) nos informou por meio de sua biografia em quadrinhos, a sua infância se deu sob os efeitos da “Crise de 1929”. Sendo filho de dois imigrantes romenos de ascendência judaica, Stan Lee – cujo nome de nascimento era Stanley Martin Lieber – cresceu em Nova York, inicialmente em Manhattan e depois se mudando para o Bronx. Lee relatou que o seu pai era cortador de vestidos e que a sua família passou por necessidades básicas com a falta de emprego ocasionada pela grande depressão.

Stan Lee (2015, versão kindle, posição 18) enfatizou que, por ser o mais velho dos filhos, foi obrigado a conseguir um emprego no início da juventude para poder ajudar em casa. Com dezessete anos, Lee conseguiu um trabalho como assistente na *Timely Comics* que, com o passar dos anos, se tornaria a *Marvel*. A descrição presente na narrativa de Stan Lee para a sua biografia nos permitiu verificar que o *American Way of Life* não passava de uma propaganda que refletia um estilo de vida restrito à elite norte-americana. Por outro lado, notamos que entre a grande depressão e a Segunda Guerra Mundial, o governo dos EUA se esforçou em edificar uma autoimagem que retratasse, externamente, os benefícios e as conquistas de um estilo de vida capitalista e na força de um governo democrático. Inicialmente, este viés foi utilizado para contrabalançar os excessos do nazifascismo e, posteriormente, o socialismo soviético.

Um ponto que nos chamou a atenção na trajetória de Stan Lee e que impacta diretamente na forma como este produziu grande parte dos seus primeiros quadrinhos de super-heróis, foi a sua participação no exército norte-americano durante a Segunda Guerra Mundial. Antes de se alistar, Stan Lee (2015, versão kindle, posições 24-25) chegou a escrever uma pequena parte do roteiro do terceiro volume de Capitão América, intitulado “Capitão América frustra a vingança do traidor”.⁵ Ao levarmos em consideração as palavras do próprio Stan Lee, verificamos que a necessidade de manter o seu emprego como assistente na *Timely Comics* se mesclou à responsabilidade da editora em reforçar o patriotismo norte-americano quanto à sua comunidade discursiva que, nessa ocasião, era composta na sua maioria por jovens do sexo masculino.⁶

Tal informação nos interessa sobremaneira. Afinal, esses mesmos jovens estariam interiorizando os valores patrióticos do Estado e, com o passar do tempo, estariam preparados para serem heróis no modelo do próprio Capitão América. Possivelmente, essa relação entre a intencionalidade do discurso dos quadrinhos e a representação de um modelo de guerreiro, cujas atitudes eram esperadas de todos os cidadãos, disseminou-se e favoreceu ao patriotismo da população dos EUA.

Retomando a figura de Stan Lee (2015, versão kindle, posição 26), este foi designado para o *Signal Corps* do exército norte-americano, em 1942. Esta unidade era responsável por criar e gerenciar os sistemas de comunicação e informação para a atuação conjunta das forças armadas. Stan Lee foi transferido, posteriormente, para a *Training Film Division*. Como nos informou George Thompson et al. (1957, p. 418-420), essa divisão tinha a responsabilidade de desenvolver filmes que facilitassem o treinamento de um número maior de soldados acerca daquilo que deveriam desempenhar nas forças armadas.

5 No original seria “Captain America foils the traitor’s revenge”.

6 Esses mesmos jovens eram militares em potencial. Por isso, prevalece a importância de fomentar um discurso antissocialista nos quadrinhos de super-heróis, o qual serviria para formar um ideal patriótico e a lógica do exemplo desde a juventude dos sujeitos.

A presença de Stan Lee na qualidade de membro oficial do *Signal Corps* e responsável pela produção de filmes de treinamento legitima a sua habilidade na área de produção, edição e roteirização de conteúdo, além de destacar o seu compromisso em desenvolver um produto que pudesse incutir o patriotismo norte-americano nos membros das forças armadas. Diante do exposto, Stan Lee desempenhou um importante papel político-social para os EUA em seu esforço de consolidar a preponderância do capitalismo sobre o mundo.

Essa “responsabilidade” cívica de Stan Lee parece ter se difundido com as suas publicações, uma vez que estas aproximavam o seu público da realidade dos super-heróis que criava. Se considerarmos o Quarteto Fantástico, por exemplo, temos uma típica família heteronormativa que, a princípio, tem como “superpoder” a sua inteligência. Entretanto, devemos destacar que o Quarteto Fantástico adquiriu o seu poder em um cenário que representava a corrida espacial entre EUA e a União Soviética.⁷ Do mesmo modo, o Hulk em seu processo de transformação manifesta o drama de um físico nuclear em seus esforços para criar uma arma poderosa o suficiente para acabar com os inimigos da liberdade. Nesse cenário, temos um cientista comum que sofre um acidente e se torna a arma que pretendia criar, embora os seus efeitos não sejam passíveis do controle esperado.

No que concerne ao Homem de Ferro, o próprio Stan Lee (2015, versão kindle, posição 91) declarou que o seu intuito era criar um super-herói que representasse um industrialista militar que inventava e vendia armas para o mundo, sendo ele a quintessência do capitalismo. Essa afirmação já nos fornece inúmeros elementos acerca da intencionalidade de Lee e a influência do seu lugar social sobre os heróis que criava. Em certa medida, podemos interpretar o Homem de Ferro como uma representação direta do próprio EUA., mas por que não do próprio Stan Lee? Afinal, Anthony “Tony” Stark era um sujeito que enriquecia com a guerra por meio de armamento. Stan Lee não fazia o mesmo, tendo a mídia como a sua arma? Ainda que esta seja apenas uma provocação, o Homem de Ferro foi, literalmente, um herói do seu tempo.

O Homem de Ferro e a atuação dos EUA na Guerra do Vietnã

Um dos elementos mais interessantes da primeira história em quadrinhos do Homem de Ferro é a relação direta que esta mantém com os eventos do início da década de 1960⁸. Nos dizeres de Paulo Vizentini (2008, p. 212), em 1963, a República Popular da China e a URSS haviam rompido as suas relações político-diplomáticas em virtude do apoio desta à Índia, território com o qual a China tinha problemas de disputa regional. Somado a isso, as divergências quanto à interpretação do ideário socialista e as tensões geradas pela desestalinização do Leste Europeu fizeram os chineses se distanciarem da URSS. Concomitantemente, os EUA vinham tentando recuperar a sua influência no Vietnã, ainda que inúmeras manifestações fossem contrárias às ações norte-americanas em seu próprio território. Considerando que grande parte dos livros didáticos brasileiros tratam destas questões de modo pormenorizado, a primeira história em quadrinhos do Homem de Ferro nos permite não só problematizar o discurso norte-americano acerca do seu papel na Guerra Fria – e, em particular, na Guerra do Vietnã – como também verificar a sua intencionalidade ao representar cada elemento constitutivo desta narrativa.

Seguindo a narrativa engendrada por Stan Lee, Larry Lieber e Don Heck,⁹ temos como materializar a perspectiva apontada até aqui, além de expandi-la conforme a nossa possibilidade. Na página em que a

7 A partir daqui iremos nos referir a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas como URSS.

8 Em conformidade com Paulo Vizentini (2008), afirmamos que a década de 1960 marcou o início de um outro momento na Guerra Fria em virtude das rupturas políticas no bloco socialista e da incapacidade dos EUA em consolidar a sua autoridade em uma escala global, uma vez que diversas sociedades no mundo estavam vivenciando a chegada do socialismo ao poder.

9 Para esse trabalho nos utilizamos da publicação feita pela *Panini Comics* intitulada *Coleção Histórica Marvel*. O volume sobre o Homem de Ferro foi o terceiro, sendo lançado em junho de 2012. A numeração das páginas, portanto, obedece a organização estabelecida pela *Panini Comics*.

história se inicia, temos o empenho dos EUA em criar armamento adequado para os esforços militares que pretendiam desenvolver, tanto no Vietnã quanto em todos os demais locais adeptos do socialismo. A ênfase do discurso do autor recai na segurança da instalação militar, na alta tecnologia desenvolvida por Tony Stark e na curiosidade dos “comunas” em saber o que era elaborado neste complexo científico-tecnológico, bem como na incredulidade do comandante da unidade na capacidade tecnológica dos inventos do cientista.

Figura 1: Tony Stark apresenta a sua tecnologia a um general norte-americano para ser empregada na Guerra do Vietnã (LEE; LIEBER; HECK, 2012, p. 8).



O discurso desta revista em quadrinhos no contexto de 1963 demarca o reconhecimento norte-americano da sua posição privilegiada no cenário político-militar que assolava o mundo. Conjecturando a partir de Eric Hobsbawm (1995, p. 231), os EUA tinham a necessidade de edificar a ideia de que o mundo vivia um grande pesadelo, pois existiam rumores acerca de uma conspiração comunista mundial que, guiada pelo ateísmo, estava disposta a derrubar os reinos da liberdade. Paulo Vizentini (2008, p. 203) declarou que, desde a segunda metade da década de 1940, ainda no governo de Harry Truman, os EUA propagaram o espectro de que havia um comunismo agressivo se alastrando pelo mundo. Essa postura ajudou a desmobilizar a opinião pública ocidental, segundo o autor, reforçando o apoio dos aliados norte-americanos contra o socialismo.

Dito isso, o primeiro quadrinho do Homem de Ferro pode ser compreendido como um dos efeitos produzidos pelas propostas de Truman em criar um inimigo a altura do “poder” norte-americano. Nos interessa pensar que o compromisso norte-americano era impedir a difusão do socialismo pelo mundo, tornando todas as sociedades adeptas desta doutrina político-econômica inimigas dos EUA. Ao partirmos dessa premissa, podemos suscitar debates em sala de aula por meio dessa representação do poderio norte-americano diante de seus inimigos. Do mesmo modo, por meio do termo “comuna”, somos capazes de engendrar entre os alunos uma discussão acerca da polarização que este favorece, em conformidade ao contexto histórico da Guerra Fria e a oposição entre EUA e o socialismo.

Neste quadrinho do Homem de Ferro a resistência norte-americana aos ideais socialistas é representada pela presença do industrial Tony Stark no Vietnã do Sul para impedir que este fosse invadido pelos guerreiros socialistas do Vietnã do Norte. Na página seguinte à citada acima, isso fica evidente a partir do ataque suscitado pelo “tirano da guerrilha vermelha”, Wong-Chu, a um vilarejo do Vietnã do Sul. O que nos chama a atenção de imediato são os adjetivos empregados para se referir ao líder inimigo. O termo tirano serve de contraponto direto ao princípio de liberdade assegurado pelo modelo político norte-americano, pautado em uma república de orientação democrática.

Outro elemento interessante a se pensar é que Wong-Chu não lidera um exército, mas sim uma guerrilha. Considerando que a guerrilha, enquanto organização militar, desenvolve emboscadas e não combate no modelo convencional de guerra ocidental considerada como “civilizada”, o discurso de Stan Lee representa os guerreiros do Vietnã do Norte como selvagens e dotados de técnicas de combate pouco elaboradas, ainda que violentas. O fato de ser uma guerrilha vermelha relaciona, diretamente, os pressupostos de um guerrilheiro ao socialismo, tornando o ideal socialista relacionado com o Vietnã do Norte algo diametralmente oposto aos valores do Ocidente. Aqui, os EUA atuam como os defensores dos princípios capitalistas e democráticos, em oposição à tirania socialista que se espalhava no Sudeste asiático.

Figura 2: Wong-Chu e os seus guerrilheiros conquistam uma aldeia do Vietnã do Sul (LEE; LIEBER; HECK, 2012, p. 9).



Nestes quadrinhos, temos a ênfase no aspecto selvagem do local e nas limitações dos habitantes em se defenderem sozinhos do ataque socialista. Esta perspectiva reforça o “compromisso” norte-americano em defender o mundo da “crueldade vermelha”, pois, diante de um inimigo impiedoso e amoral, somente o mais poderoso dos heróis poderia resistir e fazer-lhe frente. O uso da força se manifesta no discurso de Wong-Chu, o qual conquistou mais uma aldeia. A alteridade dos vietnamitas diante dos norte-americanos também se manifesta no sinal diacrítico no início do diálogo de Wong-Chu e seus homens, estabelecendo que a sua fala teve de ser “traduzida” para que houvesse a compreensão do leitor. A lógica da superioridade norte-americana – ou, até mesmo, do Ocidente em relação ao Oriente – pode ser evidenciada pela floresta no fundo do primeiro quadro, no fato do Vietnã do Sul não ter cidades e sim aldeias, mas, sobretudo, pela política de dominação de Wong-Chu, que se deleita em combates corpo a corpo ao invés de resolver os seus interesses pela via diplomática.

Se considerarmos uma turma do nono ano do Ensino Fundamental, ou os alunos do segundo ano do Ensino Médio, os conceitos políticos abordados nas duas primeiras tiras desta história em quadrinhos podem suscitar análises e debates entre os estudantes. Uma vez que consideramos o ensino por uma via dialógica (BITTENCOURT, 2018, p. 196-197), isto é, que se constitui por meio da interação entre o conhecimento dos discentes e do professor, a promoção de discussões sobre a maneira como estes conceitos são construídos e veiculados na mídia, nos livros didáticos e nos quadrinhos pode favorecer a compreensão e a percepção crítica de toda uma turma. Esta é somente uma sugestão de trabalho diante das oportunidades didáticas que as revistas em quadrinhos proporcionam.

No decorrer da narrativa quadrinística, Tony Stark chega ao Vietnã do Sul e sofre uma emboscada em meio a selva. Nesse momento, ele fica entre a vida e a morte – com estilhaços (de bomba?) próximos ao seu coração – e acaba sendo levado pelos homens de Wong-Chu. O discurso empregado por Stan Lee e a

sua equipe demarca o reconhecimento que o líder vietnamita tem do potencial intelectual de Tony Stark, o qual será utilizado para criar armas para os guerreiros socialistas do Vietnã do Norte.

Figura 3: Wong-Chu reconhece a genialidade de Tony Stark e decide utilizá-lo. Interessante notar a agilidade com a qual Stark percebe que o líder vietnamita está mentindo (LEE; LIEBER; HECK, 2012, p. 11).



A própria caracterização das decisões de Wong-Chu evidencia a sua debilidade intelectual, se comparada a Tony Stark. Este não somente aceita ser utilizado como parte do projeto militar do vietnamita, como também se utiliza das circunstâncias para empregar os recursos dos socialistas para se manter vivo. Podemos notar que Stark sabe da sua importância para a Guerra do Vietnã e da potencialidade da tecnologia que produz. Afinal, “se pudessem, já teriam me operado pra garantir que eu viva o bastante para criar armas”.

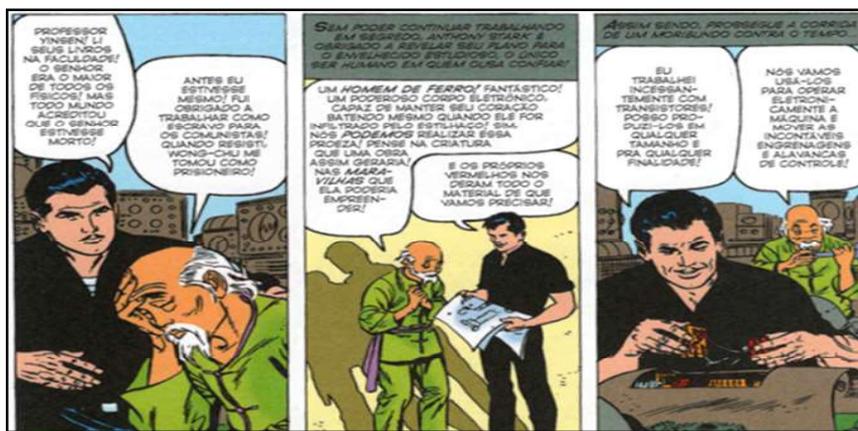
Em certa medida, esse posicionamento corrobora Eric Hobsbawm (1995, p. 226-227), para quem os EUA tinham consciência do seu monopólio armamentista e faziam circular declarações de um anticomunismo militante e agressivo para assegurar a existência do capitalismo. Hobsbawm (1995, p. 233) expôs que grupos específicos da sociedade norte-americana lucravam e se beneficiavam com a guerra. Portanto, esses sujeitos precisavam deste ambiente de tensão militar para manter o mercado armamentista aquecido, em virtude da esperança de que uma guerra ocorreria e da qual deveriam se defender. O posicionamento de Hobsbawm se encaixa de modo adequado na representação de Tony Stark, e também corresponde ao lugar social de Stan Lee neste momento da Guerra Fria. O editor da *Marvel Comics* precisava fazer com que os valores norte-americanos veiculassem e fossem introjetados na audiência estadunidense e Ocidental de seus quadrinhos. Logo, levantamos a hipótese de que a *Marvel* lucrou com o contexto de guerra tanto quanto os investidores armamentistas citados por Hobsbawm.

Essa perspectiva pode ser fundamentada se considerarmos o papel das revistas em quadrinhos como veículos da ideologia norte-americana durante toda a Guerra Fria. A própria trajetória dos heróis de Stan Lee demarca o sucesso das produções associadas aos personagens heroicos, porém com pretensões e aflições humanas. Os super-heróis da *Marvel Comics* criados por Stan Lee e a sua equipe, em certa medida, se afastavam do patamar de “divindades” e manifestavam os sofrimentos inerentes a qualquer ser humano. Além de terem obtido os seus poderes, na sua maioria, por meio de acidentes e/ou sabotagens que poderiam ocorrer com qualquer pessoa. Tal postura facilitaria a identificação dos leitores com as personagens ali retratadas. Segundo José Joaquín Rodríguez (2017), esse foi o diferencial da produção de Stan Lee, a qual associava os super-heróis com referenciais da realidade vivida. Sendo assim, tanto a *Marvel Comics* quanto Stan Lee souberam se beneficiar do contexto social fomentado pela Guerra Fria como um todo, fornecendo a sua audiência aquilo que deveriam ler para corresponder aos ideais de sua nação. Do mesmo modo, Lee

parecia saber jogar com o imaginário de seu público alvo em relação à situação em que viviam, favorecendo a identificação deste com os seus personagens e tornando as pessoas “menos ordinárias” ao lê-los.

Por fim, outro elemento que nos chama a atenção é a relação de Tony Stark com o professor chinês Yinsen. Ao ser introduzido na narrativa, Yinsen havia sido capturado por Wong-Chu e se tornou um laçao do regime socialista do Vietnã do Norte. Contudo, o chinês afirma que não está disposto a ajudar “os malignos tiranos vermelhos” (LEE; LIEBER; HECK, 2012, p. 11). Na continuação desta cena, Tony Stark reconhece a contribuição de Yinsen para a comunidade científica mundial, pois o primeiro chegou a ler os trabalhos do chinês na faculdade e afirmou que este era “o maior físico de todos os tempos” (LEE; LIEBER; HECK, 2012, p. 12).

Figura 4: O professor Yinsen enfatiza que o comunismo vietnamita o fazia trabalhar como escravo (LEE; LIEBER; HECK, 2012, p. 12).



A interação entre Tony Stark e o cientista chinês faz inferência aos esforços norte-americanos em firmar uma relação diplomática com a República Popular da China, uma vez que esta rompeu com a URSS em 1963. Neste mesmo ano, os EUA estariam tentando recuperar a sua influência sobre o Vietnã (VIZENTINI, 2008, p. 211). A postura de Tony Stark e Yinsen reforça a boa vontade do norte-americano com o chinês, o que refletiria os interesses políticos estadunidenses junto a China, a qual representava uma ruptura no bloco socialista. Outro elemento intrigante é a falta de signos diacríticos para caracterizar a fala do chinês, o que minimiza a sua alteridade para com o norte-americano e o fato de Yinsen ter sido escravo dos vietnamitas. Essa perspectiva reforçaria o caráter opressor e a alteridade do socialismo diante das liberdades do Ocidente.

Tal situação pode ser empregada em sala de aula para destacar que a oposição entre os princípios capitalistas dos EUA não foi radical como muitas vezes os livros didáticos manifestaram. Nesse sentido, o professor pode lançar críticas às definições maniqueístas que caracterizam a Guerra Fria – em particular, a Guerra do Vietnã – ou, caso haja a necessidade, a forma como os alunos tenham desenvolvido o seu conhecimento sobre a temática. Seguindo esse viés, o professor pode estabelecer análises que comparem a relação entre EUA e China entre as décadas de 1960 e 1970 com o cenário político atual e as contendas econômicas do presidente Donald Trump com o comércio chinês.

Considerações parciais

Diante do exposto, concluímos que Stan Lee foi um ator social relevante para o seu tempo e

que, em virtude de suas experiências de vida, fez uso das revistas em quadrinhos como um meio de promover aquilo que acreditava e buscava lucrar. Considerando que Lee foi membro do exército norte-americano e atuou na Segunda Guerra Mundial fomentando o treinamento dos jovens soldados por meio de animações e filmes, grande parte dos seus interesses políticos e sociais eram expressos por intermédio de seus roteiros e desenhos.

Afirmamos também que o lugar social de Stan Lee favoreceu a sua postura à frente de uma empresa que se tornaria uma das maiores do setor de quadrinhos dos EUA. Na condição de editor, Stan Lee também tinha um compromisso institucional em garantir que as suas obras fossem adequadas aos interesses do governo e fomentassem o patriotismo norte-americano diante de uma parcela de sua comunidade discursiva, a qual se compunha por jovens do sexo masculino. Portanto, o lugar social de Stan Lee foi capaz de influenciar no discurso que as suas obras veiculavam e nas mais variadas instâncias da sociedade norte-americana.

No que concerne a primeira aventura do Homem de Ferro, este representaria a tentativa de redenção norte-americana em seus esforços de trazer a paz para o mundo, embora tenha lucrado com a guerra. Isso porque, inicialmente, este estaria exportando armamento para o sudeste asiático e, após se tornar alvo de uma emboscada, decidiu agir de forma ativa na guerra, ao lado daquele que concebe como o “melhor dos lados” pelo seu empenho na liberdade política, social e econômica do mundo. Logo, a genialidade de Tony Stark emula e legitima a representação que os EUA criaram de si no contexto da Guerra Fria, gerando uma imagem oposta de seus inimigos – tidos como selvagens, brutais e pouco inteligentes. Com isso, a superioridade intelectual, cultural e tecnológica norte-americana retoma a questão do “fardo do homem branco”, típica do imperialismo do século XIX, e justifica a sua intervenção direta no território vietnamita. A figura de Tony Stark como um milionário que mescla um estilo de vida requintado com a ciência também estaria expressando os benefícios do *American Way of Life* e reforçando a identificação da audiência dessa revista em quadrinhos com o herói, pois este tinha como “superpoder” a sua inteligência e o seu mérito pessoal.

Por fim, ressaltamos que uma aula pautada em posicionamentos críticos, tanto por parte dos alunos quanto por parte do professor, permite que o “lugar comum” engendrado pelas representações normativas seja superado. Dessa forma, somos capazes de desnaturalizar concepções de mundo e enfatizar que discursos, ideias e representações são o fruto de um tempo e de um espaço particulares, os quais precisam ser problematizados para não gerar anacronismos e generalismos em nossa prática escolar.

Referências

- BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2018.
- HOBSBAWM, E. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Trad.: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LEE, P. Decrypting Espionage Comic Books in 1950s America. In: YORK, C.; YORK, R. (Ed.). **Comic Books and the Cold War, 1946 – 1962: Essays on Graphic Treatment of Communism, the Code and Social Concerns**. Jefferson; North Carolina; London: McFarland & Company, 2012, p. 30-44.
- LEE, S.; LIEBER, H.; HECK, D. Nasce o Homem de Ferro. **O Invincível Homem de Ferro**. São Paulo: Panini Comics, 2012, p. 7-19.
- LEE, S.; DAVID, P.; DORAN, C. **Amazing Fantastic Incredible: A Marvelous Memoir**. New York: Gallery Books, 2015 (versão kindle).

LOPES, F. Prefácio. In: LEE, S.; LIEBER, H.; HECK, D. **O Invencível Homem de Ferro**. São Paulo: Panini Comics, 2012, p. 6.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Trad.: Freda Indursky. Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1997.

RAMOS, P. **A leitura de quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2016.

RODRÍGUEZ, J. J. Impacto y mensaje de los villanos comunistas en los cómics de Stan Lee, **Revista Tebeosfera**, Tercera época, 5, Sevilla, 2016. Disponible em: https://www.tebeosfera.com/documentos/impacto_y_mensaje_de_los_villanos_comunistas_en_los_comics_de_stan_lee.html.

SANTOS NETO, E. dos; SILVA, M. R. P. da. Introdução: Os gibis estão na escola, e agora? In: SANTOS NETO, E. dos; SILVA, M. R. P. da (Org.). **Histórias em Quadrinhos e práticas educacionais: os gibis estão na escola, e agora?** São Paulo: Criativo, 2015, p. 10-14.

THOMPSON, G. R.; HARRIS, D.; OAKES, P.; TERRETT, D. **The Signal Corps: The Test** (December 1941 to July 1943). Washington: Office of the Chief of Military History; Department of the Army, 1957.

VERGUEIRO, W. **Pesquisa Acadêmica em Histórias em Quadrinhos**. São Paulo: Criativo, 2017.

VILELA, T. Os quadrinhos na aula de História. In: RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2018, p. 105-130.

VIZENTINI, P. F. A Guerra Fria. In: REIS FILHO, D. A.; FERREIRA, J.; ZENHA, C. (Org.). **O Século XX**. V. II: O tempo das crises – revoluções, fascismos e guerras. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 195-226.

Recebido em: 09.06.2019

Aprovado em: 27.06.2019